

Comentário

Luciane Falcão,¹ Porto Alegre

A Ida e outra(s) Aída(s): o id na(s) Ida(s) e Aída(s)

Aída é uma princesa etíope que, capturada, é levada como escrava para o Egito, onde passará a servir Amneris, filha do faraó. Um comandante militar, Radamés, se apaixona pela escrava/princesa. Mas ele é também o amor de Amneris, apesar de não retribuir. Dessa forma, Aída passa a ser, além de escrava de Amneris, sua rival. A guerra colocará Radamés numa situação conflitante: por um lado, servir e ser leal ao faraó, liderando e vencendo a guerra, e com isso ganhando a glória e satisfazendo seu narcisismo; por outro, obter o amor de Aída, filha do rei etíope a quem, como chefe da guerra, precisa eliminar. Quando Aída percebe que os combatentes etíopes invadem o Egito, o conflito torna-se intenso, e ela sente-se devastada, pois ao mesmo tempo ama Radamés, mas deseja ser fiel ao seu pai/Etiópia. Radamés opta pelo amor de Aída e trai o faraó, situação que será descoberta. Ele é preso e condenado à morte. Amneris tenta convencê-lo a negar a traição para que saia da prisão, o que ele recusa. Radamés é posto numa cripta ainda vivo, para ali morrer. Ele se despede da vida e de Aída, que consegue entrar na cripta para morrer ao seu lado. No final da ópera, o duo canta: “A pedra fatal se fecha sobre mim”.

Considero uma tarefa complexa comentar um caso clínico (mesmo fictício), e ela torna-se mais complexa quando se trata de comentar um *texto* sobre um caso clínico. Vou tentar transmitir alguns aspectos, algumas elocubrações e hipóteses que resultaram da minha leitura. Nada mais do que isso. Assim, o que escrevo aqui não contém nenhuma afirmação categórica. Pelo contrário.

Um primeiro movimento – uma primeira associação livre – ocorreu a partir do título do artigo: “A Ida de Dora: um caso clínico”. Leio-o e logo fabrico um jogo de palavras: a ida de Dora (como a ida a algum lugar) e a *Aída*, a magnífica ópera de Verdi, havendo ali um id inserido, um id dentro da Ida e um dentro da Aída.

O que isso teria a ver com o texto? Não fazia ainda a mínima ideia. Eu sabia que se tratava de um texto sobre um processo fictício de análise, cuja autora estaria relacionando-o com o caso Dora. Em seguida pensei num elemento conhecido de todos os psicanalistas: um processo analítico pode corresponder à *ida a algum lugar*. Que lugar seria esse? Algum lugar que permita à dupla traçar um caminho de desenvolvimento de ambos (analista e paciente),

1 Psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

mas principalmente que permita ao modelo do processo analítico servir de instrumento psíquico para o paciente se conhecer melhor, e com isso poder lidar com seus conflitos. Seria uma hipótese, e nesse caso teríamos talvez uma análise com algum grau de sucesso (as análises podem ter sucesso?). Mas um processo analítico também pode traçar outro tipo de caminho: um que conduza para dentro de uma cripta (Abraham & Torok, 1987/1995), sufocando, impedindo qualquer tipo de elaboração, deixando o processo sem vitalidade analítica, levando-o à morte – a morte psíquica do processo, ficando a dupla à mercê da função desobjetalizante no processo analítico (Falcão, 2015). Alguns pacientes, muitas vezes de forma silenciosa, nos conduzem para dentro das suas criptas, para que lá vivenciemos juntos a desobjetalização, o desintrincamento pulsional e, portanto, a morte da análise, como Aída, a qual, mesmo desejando o encontro com o seu amor, sabia que, se lá entrasse, não sairia viva. A questão é quando nós não conseguimos sair de lá, provavelmente porque nossas pulsões de destruição também se manifestaram ali, sem possibilidade de intrincamento com as de vida. Seriam os fracassos analíticos, que também poderiam revelar os fracassos da psicanálise. Decerto, todo analista conhece isso, embora talvez nem todos o reconheçam como fracasso.

Se falo em pulsões de destruição, em desobjetalização, fica evidente que sou uma analista cujos referenciais teóricos incluem as noções de pulsão de destruição e de morte, sem as quais não conseguiria trabalhar – sem esquecer que a teoria das pulsões é, como disse Freud, nossa mitologia, e que “as pulsões são seres míticos, formidáveis em sua indeterminação” (1933/2010b, p. 241). Logo, penso que minha associação livre inicial com a cripta de Radamés e Aída já não teria sido tão livre assim. Minha ida até Aída passou por aí.

Como elaborar um comentário a partir de um texto – a palavra escrita – como expressão de um processo analítico conduzido por Freud/Dora ou por um analista/Ida? Só nesse movimento – entre o que se passa numa sessão (ou seja, a circulação dos diferentes elementos do psíquico, do par pulsão-objeto, da heterogeneidade do significante etc.) e o que é escrito sobre ela – já aconteceram inúmeras transformações, e jamais saberemos o que se passou ali em relação aos fenômenos pulsionais em si. Comparo isso com a ideia de que, quando fabricamos um sonho, há nele diferentes elementos do nosso aparelho psíquico, alguns dos quais permanecerão sem condições de serem representados e colocados em palavras. Quando o narramos numa sessão de análise, é porque já ocorreram transformações que permitem que ele seja contado. Freud mesmo dizia que a presença da pulsão em si é apenas hipotética. Isso faz lembrar que o incognoscível da coisa em si, o indizível, jamais será alcançado – o id de Ida e de Aída jamais será conhecido. Cada vez que falamos de mistura pulsional, de fusão pulsional ou de união ou intrincamento pulsional, estamos dizendo que as pulsões permanecem heterogêneas, e são seus efeitos

antagônicos sobre o objeto que se combinam para dar um resultado comum, que eventualmente poderá ser simbolizado e atingir a representação-palavra. Segundo Green, “a impossibilidade de homogeneizar os efeitos do objeto sugere fortemente a ideia de heterogeneidade do psíquico” (1995, p. 213).

Dito isso, vou me deter apenas em alguns pontos, entre tantos possíveis, que me levaram a outras associações livres imediatas – ou nem tão livres – e a alguns pensamentos.

Modelo de investigação da estrutura psíquica e de liberdade de pensamento

A releitura do caso Dora – e de toda a obra de Freud – serve como um modelo de investigação da estrutura psíquica e de liberdade de pensamento. Do meu ponto de vista, esse modelo é uma grande herança freudiana. A partir dele, Freud mostrou a importância de mudar as teorias conforme os trabalhos clínicos se revelam. Também nos deixou um modelo de pensar, principalmente no fim da vida, quando apontou que o mundo social e a cultura humana têm papel fundamental na formação do aparelho psíquico do indivíduo e, principalmente, que o demoníaco do humano pode levar a destruições generalizadas.

Mas ainda haveria algo a ser dito sobre o caso Dora, 125 anos depois? Numa releitura recente desse texto (Falcão, 2020a), fui fisgada pela metáfora do “grão de areia em torno do qual a ostra formou a pérola” (Freud, 1905/2016a, p. 270) – como se o texto de Dora equivalesse, num filme, a um plano aberto, e o grão de areia, à imagem captada através de um zoom para capturar algo de forma mais profunda. Aos poucos, com uma liberdade para pensar, parti (uma ida) para algumas reflexões metapsicológicas que me permitiram imaginar (ficcional?) uma nova articulação entre alguns conceitos: *das Ding*, *fueros*, revestimentos psíquicos e o perceptivo em psicanálise. Na época, cheguei a discutir essas ideias com colegas. Alguns concordaram com minhas tentativas de articulação, outros nem tanto, mas a liberdade de pensamento me autorizou a publicar o texto. Entendo que, graças ao modelo de liberdade de pensar, a psicanálise evoluiu, modificou a técnica, ampliou a forma de pensar o desenvolvimento das estruturas psíquicas, expandiu o pensar e o agir nas comunidades, indo também além dos muros dos consultórios (Lewkowicz, 2019).

A técnica psicanalítica e as modificações

Em 1900, Freud precisava inserir a ideia clínica dos tratamentos analíticos. O caso Dora foi um atendimento (hoje chamaríamos ou não de análise?)

durante o qual ele ainda não tinha a gama de instrumentos que desenvolveu mais tarde. Nos fragmentos do caso, observamos um Freud autoritário e um tanto onipotente, acreditando que ele poderia curar a paciente Dora (e algumas outras histéricas).

Desde muito cedo, Freud discutiu a técnica. Reparemos que no prefácio à segunda edição dos *Estudos sobre a histeria*, de 1908, ele diz: “Falta-me qualquer motivo para eliminar esse testemunho de minhas opiniões iniciais. Ainda hoje não as vejo como erros, mas como primeira, estimável aproximação a conhecimentos que apenas depois de longo e continuado esforço puderam ser mais plenamente alcançados” (1908/2016b, p. 16).

Considerando o percurso do seu trabalho teórico e clínico, vemos que muitas foram as modificações que ele propôs. Em “As perspectivas futuras da terapia psicanalítica”, Freud parece um pouco mais moderado e inclui o inconsciente do analista como parte do processo:

Outras inovações na técnica dizem respeito à própria pessoa do médico. Tornamo-nos cientes da contratransferência que surge no médico quando o paciente influencia seus sentimentos inconscientes. ... nos aproximamos do ponto de vista de que a técnica analítica deve experimentar certas modificações, conforme a natureza da doença e os instintos predominantes no paciente. (1910/2013, p. 293)

Em “Recomendações ao médico que pratica a psicanálise”, mostra que a técnica proposta serviria para ele, de acordo com a sua individualidade e a sua experiência:

Depois de à própria custa encetar e abandonar outros caminhos ... devo enfatizar que essa técnica se revelou a *única adequada para a minha individualidade*. Não me atrevo a contestar que uma personalidade médica de *outra constituição* seja levada a adotar uma outra atitude ante os pacientes e a tarefa a ser cumprida. (1912/2010c, p. 148, grifos meus)

Nos últimos anos de vida, Freud (1937/2010a) se mostrou mais cético quanto aos resultados terapêuticos da técnica: explicitou suas dúvidas sobre o poder curativo da análise e o poder de promover modificações na estrutura psíquica do sujeito. Encontramos um Freud que recomenda ao paciente e ao próprio analista um retorno (uma outra ida) à análise de tempos em tempos, para combater os pontos cegos.

A técnica (eu diria: o esboço de técnica) usada com Dora foi por ele vista através da sua individualidade. Todo o suposto caminho (as idas) da analista com Ida foi sendo traçado através das suas individualidades, dos processos primários e secundários da dupla e, provavelmente, também através

de processos terciários (Green, 1972, 2002). Minha leitura dos textos, tanto o freudiano quanto o do caso ficcional de Ida, perpassa meus processos psíquicos, minhas teorias implícitas, minhas experiências clínicas e de vida, meu sexual primordial, minha infância, minha vida adulta. Assim, minha leitura deixa de ser a leitura do processo de Freud/Dora e do de Ida/analista e passa a ser aquela que eu posso apreender. Essa ideia serve tanto para a leitura do texto quanto para pensar a escuta do analista. De acordo com Green (1983, 2002, 2011, 2019), a escuta analítica contempla as teorias implícitas do analista. Estas precisariam produzir uma escuta polissêmica, ou seja, não poderíamos manter nossa escuta com base apenas num único modelo teórico – por exemplo, apenas o modelo mãe-bebê, proposto por Winnicott, ou apenas o modelo freudiano, ou apenas o modelo lacaniano. Green mostra que, sendo polissêmica a significação do enquadre, ela incluirá diversas lógicas da escuta: a da unidade (narcisismo), do par (mãe-bebê), do continente bioniano, do intermediário (da ilusão, do transicional), da triangulação (da lei paterna do interdito do incesto), entre outras.

A história da psicanálise mostra que muitos autores psicanalíticos – incluindo Ferenczi (1919/2011), contemporâneo de Freud – propuseram mudanças técnicas à medida que a clínica e o aprofundamento teórico foram se mostrando presentes. Seria impossível aqui nomear todas elas. Cito apenas André Green, que em 1974 propôs mudar a técnica clássica – modelo do sonho (que permanece como modelo para os casos neuróticos) – para a técnica do modelo do ato. Observa que com pacientes com estruturas principalmente não neuróticas o processo analítico é possível desde que o analista esteja pronto para colocar ali a sua própria capacidade elaborativa e de figuração, o que implica a sua individualidade. Uma vez que o sentido manifesto do discurso seja entendido, é preciso ainda realizar um trabalho para imaginá-lo, figurá-lo para si, torná-lo visível para o pensamento do analista, e para isso o analista necessita descobrir as formas loucas de pensar do paciente (sua loucura privada), suportá-las e pôr em ação a sua própria capacidade elaborativa, transformando o setting num espaço potencial capaz de acolhê-las. Propõe pensar que isso corresponderia ao *pensamento louco do analista*, que seria o núcleo dinâmico e criativo do pensamento do analista em sessão (Green, 1990b, 2011; Green & Urribarri, 2019).

Não podemos negligenciar tudo o que a clínica contemporânea tem nos ensinado, desencadeando novas possibilidades técnicas. Se não estivermos abertos às mudanças, desabaremos naquilo que o próprio Freud disse: “Seguindo nossas expectativas, corremos o perigo de nunca achar senão o que já sabemos” (1912/2010c, p. 149).

Desilusão com Freud?

O que seria do ser humano se ele permanecesse só no mundo das ilusões? Para nosso desenvolvimento, precisamos primeiro passar pelo processo de idealização (de ilusões) em relação aos nossos objetos primários, para depois vivenciar as desilusões e nos relacionarmos com os objetos de uma forma mais próxima do princípio da realidade. Isso vale para nossos pais como objetos primários e para seus substitutos: nossas escolhas objetais, nossos mestres, nossos analistas, nossas teorias.

André Green, em *Illusions et désillusions du travail psychanalytique* [Ilusões e desilusões do trabalho psicanalítico] (2010), propõe pensarmos sobre nossas experiências com pacientes que não corresponderam àquilo que esperaríamos dos processos, sobre ilusões que criamos e que, no decorrer do tratamento, se mostraram falsas ou distantes da realidade. O autor se questiona por que os analistas não costumam escrever acerca dos fracassos nas análises. Pergunto: seria para manter a ilusão de que a análise é sempre bem-sucedida e de que os analistas não falham? Green (1993, 2007) afirma ser fundamental considerar o trabalho do negativo e o papel da destrutividade, entendendo que a dupla negativo-positivo, em psicanálise, pode mostrar o contraditório e o paradoxal, composto pela ação das pulsões de vida (objetalização) e das pulsões de morte (desobjetalização).

Recentemente, junto com outros colegas, publicamos um artigo que aborda um processo analítico, aos nossos olhos, fracassado (Campos et al., 2023). Tratava-se de um paciente fortemente traumatizado, que apresentava uma destrutividade intensa. Violência e agressividade passaram a ser elementos ativos no processo transferencial do paciente para o analista e do analista para o paciente. Num primeiro momento, o analista ocupava de forma passiva e silenciosa o lugar que um dia fora do paciente, o qual, antes de ter um aparelho psíquico capaz de dar conta dessa pulsionalidade e de ter vivido um processo de subjetivação, sofreu passivamente a violência primitiva na relação com o objeto que deveria ser protetor. Essa violência, porém, também se presentificou no psiquismo do analista, bloqueando sua capacidade transformadora. Pensamos que essas conjunções potencializaram o caminho para o fracasso terapêutico.

Se estamos conectados com seres humanos, temos ilusões e desilusões com eles. No campo psicanalítico, podemos nos desiludir com algumas teorias, com algumas técnicas e, principalmente, com nossas próprias análises. O problema não é vivenciarmos essas desilusões, mas sim nos mantermos presos e fechados nas criptas que nos impedem, justamente, de olhar para nossas desilusões sem ficar submetidos à poderosa força da pulsão de destruição. Permanecer presos às teorias, iludidos com elas, é um caminho para nos

mantermos na cripta. Não considerar, não ver, nem ouvir as mudanças que estão acontecendo no mundo contemporâneo – por exemplo, as neossexualidades, a forma como as pessoas vivem sua sexualidade, a forma como estabelecem suas relações –, e determinar algo como patológico por ser diferente daquilo que nossos mestres descreveram como desenvolvimento normal, seria nos mantermos na ilusão de que somos psicanalistas.

Como Dora seria recebida hoje?

Nenhum analista poderia responder a essa questão. A não ser que estivesse com um suposto saber a postos, e assim mesmo... Só poderíamos imaginar uma resposta criando uma ficção, como Ana Cláudia fez. Todos nós somos formados pelas nossas vivências pessoais, pela nossa história e a das gerações passadas, pelo nosso meio sociocultural, pelas nossas análises (as bem conduzidas e as não tão bem assim), pelos nossos conhecimentos teóricos. Só isso já nos impede de saber o que aconteceria se ela nos procurasse hoje. O Freud de 1900 era um Freud diferente do de 1910, do de 1920 e do de 1930. Portanto, se a própria Dora aparecesse no consultório do seu antigo analista em 1930, provavelmente ele a veria diferente. No caminho da sua vida, Freud teve muitas experiências de vida e clínicas, doenças, perdas, ideias, conjurações, hipóteses, que também foram transformando-o.

Em 1900, Freud não conhecia a força da pulsão de destruição e de morte, e portanto não teria como pensar nos aspectos destrutivos da paciente, nos dele mesmo e naqueles que vão impregnando o setting. Fiquei pensando se, no material dessa *análise de hoje*, também aparece como é mais difícil lidar com o que é da ordem da violência que vem para o setting. Por exemplo, quando Ida começa a apresentar aspectos de sua agressividade, que também aparece no triunfo sobre Hans – “dei o troco” –, a analista opta por interpretar o sentimento de tristeza que certamente deveria estar presente. Mas a paciente não está também triunfando na análise? O triunfo poderia ser para negar a dor? Ali, a analista opta por examinar o sentimento de tristeza, sem analisar a forma de defesa, o triunfo, justamente porque ele revelaria a potencialidade da agressividade?

O enactment

Considero fundamental que, como analistas, reconheçamos o papel do enactment nos processos analíticos tão bem descritos na análise de Ida. Assim como a autora, eu também vivi situações em que pensei ter cometido erros técnicos, me angustiando com isso. Foi só depois de conhecer o trabalho

do casal Botella (2001) que o sentido disso mudou para mim, levando-me inclusive a propor a ideia de figurabilidade em ato e flash corporal (Falcão, 2010/2011). Acredito que estamos de acordo em pensar que esses movimentos do analista podem ser vistos como algo referente a uma meta pulsional. No livro *O discurso vivo* (1973), André Green introduz a questão do afeto como central na teoria e na clínica psicanalítica, atribuindo a ele um status de representação. Segundo o autor,

podemos distinguir uma linguagem que só se refere a si mesma na ordem da estruturação própria e que supõe a redução e homogeneização ao significante verbal, formando e passando pelo processo linear de verbalização, e um discurso onde a concatenação recebe as impressões provenientes do significante heterogêneo dos fenômenos psíquicos (pensamentos, representações, afetos, atos, estados do próprio corpo), de investimentos energéticos variáveis, expressando estado de tensão qualitativa e quantitativamente diferentes e tendendo à descarga (p. 239)

Em *Du signe au discours* [Do signo ao discurso] (2011), Green reafirma que, no setting, a palavra muda de status e se transforma, ela própria, em um objeto singular, um *tiers* oriundo da comunicação entre o analista e o analisando.

Para finalizar, proponho mais alguns questionamentos.

Como fica a heterogeneidade do significante, as representações psíquicas dos jovens analistas que vivem num mundo, numa cultura, em que a noção de sexualidade passa por tantas transformações? Dora tinha um sistema de representações que se encontrava com o sistema de representações de Freud em 1900.

Ida, referindo-se ao seu primeiro analista, diz: “Ele era velho e não me entendeu”. Essa frase se conectou com algo que venho observando nos últimos anos – e não sei se isso é só uma experiência pessoal ou se os colegas mais velhos, como eu, também têm percebido. Tenho visto pacientes mais jovens pedindo indicações de *analistas mais jovens, alguém que consiga entender como as coisas são hoje*, dizem eles. Esses futuros pacientes acreditam que analistas mais jovens teriam mais capacidade de entender as questões de hoje (pessoas transgênero, bissexualidade, relações abertas, outros formatos de relação que não o modelo tradicional de família, poligamia etc.) do que os da nossa geração, os mais velhos, que ainda não compreendem muitas questões da contemporaneidade como normais e tendem a ouvir como questões patológicas?

Algumas perguntas que me faço seguem as mesmas. Da época da criação da psicanálise por Freud até os nossos dias, o próprio homem mudou. Estamos disponíveis para observar, perceber e compreender a pluralidade das formas de viver a sexualidade infantil no adulto? As sexualidades dissidentes, diz Blestcher, “vão delineando, não sem matizes, novidades existenciais

individuais, familiares e sociais que alteram o regime instituído heterossexista, heteronormativo e falocêntrico” (2017, p. 68). Aquilo que era visto como desmentida, e que diretamente nos enviava para a ideia de uma patologia importante na estrutura do sujeito, segue presente? Estamos aptos a entender que, hoje, é inaceitável não compreender que o gênero não é o sexual, e sim o resultado de um trabalho de identificações que formam a estrutura do eu (Falcão, 2020b)?

Podemos estar atentos para que Ida/Aída, nas idas aos nossos consultórios, tenham um final diferente do de Aída e Radamés? Mas como fazer para não entrar nas criptas dos conluíus inconscientes das duplas analíticas que levam à morte de muitos processos analíticos? Ou como sair, caso não tenhamos conseguido evitar entrar?

Em que lugar do aparelho psíquico, de acordo com as teorias freudiana da primeira e da segunda tópica, trabalhamos? Circulamos apenas entre consciente, pré-consciente e inconsciente? Fazemos uma rápida visita aos inconscientes da dupla? Ou tentamos fazer uma visita mais prolongada, correndo o risco de o id indomado tomar conta do setting?

O grão de areia em torno do qual a ostra formou a pérola... A combinação e a comunicação dos elementos internos com os externos produzem a pérola, bela, preciosa e acessível. A cripta, ao contrário, apreende na imobilidade, sem idas e vindas, sem vida. *A pedra fatal se fecha sobre mim.*

Referências

- Abraham, N. & Torok, M. (1995). *A casca e o núcleo* (M. J. F. R. Coracini, Trad.). Escuta. (Trabalho original publicado em 1987)
- Blestcher, F. (2017). La sexualidad infantil más acá del género y de la sexuación: extravíos y encaminamientos de la teoría sexual. In R. M. Garcia (Org.), *Sobre o infantilismo da sexualidade* (pp. 63-84). Sulina.
- Botella, C. & Botella, S. (2001). *La figurabilité psychique*. Delachaux et Nestlé.
- Campos, C., Crestana, F. & Falcão, L. (2023). Tempo de desespero: disrupção do processo analítico. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 30(2), 389-412.
- Falcão, L. (2011). Figurabilidade em ato e flash corporal. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(4), 91-96. (Trabalho original publicado em 2010)
- Falcão, L. (2017). Pulsão de morte e de destruição e a função desobjetalizante no processo analítico. *Livro Anual de Psicanálise*, 31(1), 109-127. (Trabalho original publicado em 2015)
- Falcão, L. (2020a). *Das Ding, fueros*, revestimento psíquico e o perceptivo. In D. Z. Lora & S. M. Silva (Orgs.), *Retornos do caso Dora* (pp. 135-152). Artes & Ecos.
- Falcão, L. (2020b). A inquietante estranheza e o sexual primordial: mais além do recalado. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 27(3), 697-713.
- Ferenczi, S. (2011). A técnica psicanalítica. In S. Ferenczi, *Obras completas* (A. Cabral, Trad., Vol. 2, pp. 407-419). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919)

- Freud, S. (2010a). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 19, pp. 275-326). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (2010b). Angústia e pulsões. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 224-262). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2010c). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 10, pp. 147-162). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2013). As perspectivas futuras da terapia psicanalítica. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 9, pp. 287-301). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (2016a). Análise fragmentária de uma histeria. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 6, pp. 173-320). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2016b). Prefácio à segunda edição de *Estudos sobre a histeria*. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 2, pp. 16-17). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1908)
- Green, A. (1972). Note sur les processus tertiaires. *Revue Française de Psychanalyse*, 36(3), 407-411.
- Green, A. (1973). *Le discours vivant*. PUF.
- Green, A. (1983). *El lenguaje en el psicoanálisis*. Amorrortu.
- Green, A. (1990a). L'analyste, la symbolisation et l'absence. In A. Green, *La folie privée: psychanalyse des cas-limites* (pp. 63-102). Gallimard. (Trabalho original publicado em 1974)
- Green, A. (1990b). *La folie privée*. Gallimard.
- Green, A. (1993). *Le travail du négatif*. Les Éditions de Minuit.
- Green, A. (1995). De l'objet non unifiable à la fonction objetalisant. In A. Green, *Propédeutique: la métapsychologie revisitée* (pp. 211-226). Champ Vallon.
- Green, A. (2002). *Idées directrices pour une psychanalyses contemporaine*. PUF.
- Green, A. (2007). *Pourquoi les pulsions de destruction ou de mort?* Du Panamá.
- Green, A. (2010). *Illusions et désillusions du travail psychanalytique*. Odile Jacob.
- Green, A. (2011). *Du signe au discours*. Itaque.
- Green, A. & Urribarri, F. (2019). *Do pensamento clínico ao paradigma contemporâneo* (P. S. Souza Jr., Trad.). Blucher.
- Lewkowicz, A. (2019). Editorial. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 26(3), 425-428.

Recebido em 8/3/2025, aceito em 18/3/2025

Luciane Falcão

lufalcao60@gmail.com

doi: 10.69904/0486-641X.v59n1.15